

ESTUDOS DE
SEMÂNTICA

TÍTULO	Estudos de Semântica
COORDENAÇÃO	Purificação Silvano António Leal
EDITOR	Faculdade de Letras da Universidade do Porto Centro de Linguística da Universidade do Porto
CONCEÇÃO GRÁFICA	Invulgar - Artes Gráficas
ANO DE EDIÇÃO	2015
TIRAGEM	150 exemplares
ISBN	978-989-8648-42-6
DEPÓSITO LEGAL	403155/15

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto Pest - OE/LIN/UI0022/2014

Algumas reflexões sobre escalaridade e *degree achievements* em Português Europeu¹

António Leal
Idalina Ferreira
Luís Filipe Cunha

1. Introdução

Os designados “degree achievements” (DA) (cf. Dowty, 1979) caracterizam-se por participar, sem quaisquer problemas, tanto em configurações de natureza télica (veja-se (1)) quanto em estruturas de cariz atético, caso em que, ao contrário do que sucede com os processos culminados, não implicam obrigatoriamente a “incompletude” da situação como resultado da remoção do respetivo ponto de culminação (veja-se (2)):

- (1) A Maria aqueceu o leite em cinco minutos.
- (2) A Maria aqueceu o leite durante cinco minutos.

No entanto, a propriedade que melhor os caracteriza prende-se com o seu caráter inequivocamente escalar. Na realidade, os DA descrevem eventualidades cuja mudança pode ser captada através de alterações ao longo de uma dada escala.

O caráter escalar associado aos DA permite aproximar estas construções de certos adjetivos graduáveis, pelo que não surpreende que muitos dos verbos envolvidos neste tipo de estruturas sejam de natureza deadjetival (cf. Kennedy & Levin, 2008).

A existência de uma clara distinção entre adjetivos de escala aberta, como os representados em (3), e de escala fechada, como os representados em (4), (cf. Kennedy & McNally, 2005) coloca a interessante questão de saber em que medida é que os DA envolvendo verbos derivados de cada uma destas duas categorias de adjetivos manifestam divergências ao nível do seu comportamento linguístico e das suas possibilidades interpretativas.

¹ Este texto foi publicado anteriormente em Costa, A.; Falé, I. e Barbosa, P. (orgs.), *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp.316-324.

- (3) A estrada está cinzenta / feia / perigosa.
- (4) A estrada está vazia / limpa / seca.

Procuraremos, no presente trabalho, estabelecer algumas semelhanças e diferenças que se verificam entre o Português e o Inglês no que respeita ao comportamento dos DA, investigando hipóteses não só sobre o seu significado básico, mas também sobre a forma como a estrutura escalar associada às construções em questão permite explicar os comportamentos observados.

Nesse sentido, começamos por apresentar a distinção entre adjetivos de escala aberta e adjetivos de escala fechada, procurando estabelecer critérios que nos permitam diferenciar essas duas categorias. Seguidamente, apresentamos alguns dados do Inglês e discutimos as propostas de tratamento para os DA avançadas por Kennedy & Levin (2008) e por Abusch (1986). Por fim, comparamos brevemente os dados do Inglês com os do Português, tendo como objetivos centrais o de caracterizar esta classe aspetual de predicções e o de desenvolver uma hipótese satisfatória para a descrição do comportamento linguístico dos DA no Português Europeu.

2. Adjetivos de escala aberta e de escala fechada

O trabalho de Kennedy & Levin (2008), que é discutido na secção seguinte, parte de uma semântica dos adjetivos graduáveis ou de tipo escalar. Estes autores consideram que os adjetivos graduáveis denotam funções de objetos para representações abstratas de medição, ou graus, numa escala. A uma escala é concebida como um conjunto de pontos totalmente ordenados (crescente ou decrescentemente) ao longo de uma determinada dimensão (altura, largura, volume, duração, etc.). Por sua vez, os graus correspondem a intervalos numa escala. Um intervalo pode corresponder a um ou mais pontos, o que depende da natureza da escala e do tipo de mudança associada ao grau.

Note-se ainda que uma escala pode ser aberta ou fechada. Numa escala aberta, não existe um grau que funcione como limite máximo da escala (em qualquer dos seus extremos – superior ou inferior). Numa escala fechada, existe um grau que marca o limite máximo da escala (superior ou inferior). Dado que, no que respeita à telicidade, é apenas o limite superior que está em causa, iremos cingir a nossa discussão, no presente trabalho, à diferenciação entre escalas abertas e fechadas no que a este limite diz respeito.

Uma forma de diagnosticar o tipo de escala que um adjetivo projeta é a compatibilidade com os designados “proportional modifiers”, ilustrados em (5) (cf. e.g. Hay, 1998; Kennedy & McNally, 2005).

- (5) proportional modifiers: *completely, half, partially*

Tipicamente, apenas adjetivos de escala fechada são compatíveis com este tipo de modificadores, que implicam a consideração de um conjunto fechado de graus previamente construído.

A aplicação deste teste indica-nos que adjetivos como *full, closed* ou *invisible* são adjetivos de escala fechada, enquanto adjetivos como *long, expensive* ou *old* são

de escala aberta.

- (6) a. The glass is half full.
b. ?? The rope is half long.

Kennedy & McNally (2005:356)

Aplicando o mesmo teste a adjetivos em Português Europeu, verificamos que adjetivos como *maduro* e *vazio* são de escala fechada, enquanto adjetivos como *caro* e *mole* são de escala aberta (cf. (7)).

- (7) a. {completamente/meio} maduro/ vazio
b. ???/*{completamente/meio} saboroso/ mole

Note-se que a interpretação relevante do advérbio *completamente* é aquela que remete para o atingir de um grau máximo, e que não deve ser confundida com leituras em que está em causa não esse grau máximo, mas a afetação da totalidade da(s) entidade(s) a que se aplica a propriedade ou ainda uma leitura em que *completamente* corresponde a uma forma de quantificação, semelhante a *muito*. (cf. (8)).

- (8) a. A manteiga está completamente mole → **toda** a manteiga está mole.
b. A manteiga está completamente mole! → a manteiga está **muito** mole

Por outro lado, há que considerar, no significado dos adjetivos graduáveis (morfologicamente no grau normal), para além do grau em que se manifesta a propriedade, também o standard de comparação. Esta segunda parte do significado dos adjetivos é uma função não só de fatores contextuais, como, por exemplo, o domínio do discurso, mas também do significado convencional dos adjetivos. No primeiro caso, isso significa que o que conta, por exemplo, como *comprido* enquanto propriedade vai variar de acordo com o contexto enunciativo, pelo que, em (9), o grau de comprimento exibido pela entidade denotada por “a vara” excede um determinado standard de comparação, se a frase for proferida no contexto da jardinagem, mas excede um standard de comparação diferente do anterior, se for proferida no contexto do salto à vara.

- (9) A vara é comprida.

No segundo caso, o significado convencional dos adjetivos influencia a determinação do standard de comparação na medida em que, por exemplo, o facto de terem associada uma escala fechada determina que o standard de comparação corresponderá necessariamente, para os referidos adjetivos, a esse ponto terminal da escala (cf. Kennedy & McNally, 2005). Isso acontece, de acordo com Kennedy & Levin (2008), por motivos de economia interpretativa (maximização dos significados convencionais para a computação das condições de verdade). De acordo com os autores, apenas os adjetivos de escala aberta veriam o seu standard de comparação determinado contextualmente (cf. (9)). Pelo contrário, os adjetivos de escala fechada têm o seu standard de comparação determinado lexicalmente.

Tendo em conta que os DA típicos são obtidos por derivação a partir de formas adjetivais, é de prever que o carácter aberto ou fechado das escalas dos adjetivos que lhes dão origem tenha uma importante influência ao nível da sua interpretação. Vejamos, pois, como se comportam os representantes desta classe aspetual em relação às escalas que lhes estão associadas.

3. Os DA em Inglês

3.1. Os dados

Considera-se que, em Inglês, os DA são sistematicamente ambíguos entre uma leitura télica e uma outra atélica (facto primeiramente referido em Dowty, 1979). Assim, a frase (10a) tem uma leitura télica, enquanto a frase (10b) tem uma leitura atélica. Ambas as leituras são determinadas pela informação veiculada pelos adverbiais temporais, pelo que, sem eles, as frases seriam ambíguas entre estas duas interpretações.

- (10) a. The soup cooled in ten minutes.
b. The soup cooled for ten minutes.

Kennedy & Levin (2008:157)

Contudo, Kennedy & Levin (2008) apontam que existem muitos DA em Inglês que apresentam interpretações télicas por defeito. No caso destes verbos, as interpretações atélicas estão dependentes de informação morfossintática ou contextual que force esta leitura. São os casos de *darken*, *dry* e *empty*. Com estes verbos, de acordo com os referidos autores, assume-se que os objetos afetados atingem um estado final que pode ser denotado pelo adjetivo correspondente. As continuações das frases em (11) são estranhas na medida em que é necessário, com essa continuação, que o estado final não tenha sido atingido.

- (11) a. The sky darkened (? but it didn't become dark).
b. The shirt dried (?? but it didn't become dry).
c. The sink emptied (?? but it didn't become empty).

Kennedy & Levin (2008:159)

Por fim, Kennedy & Levin (2008) apontam um outro tipo de DA que não apresentam a ambiguidade identificada, na medida em que apenas podem ter leituras atélicas (apenas num contexto altamente marcado podem ter leitura télica). Assim, estes verbos combinam-se com adverbiais que exprimem simples duração, do género de “for x time”. (cf. (12)).

- (12) a. The gap between the boats widened {for/ ?? in} a few minutes.
b. The recession deepened {for/?? in} several years.

Kennedy & Levin (2008:160)

No sentido de fornecer uma explicação satisfatória para estes dados, foram apresentadas para o Inglês diversas análises. Destacamos em seguida duas das que nos pareceram mais relevantes na medida em que ilustram os dois tipos de estratégias que têm sido propostos.

3.2. Duas análises dos DA em Inglês

3.2.1. Kennedy & Levin (2008)

O tema central do trabalho de Kennedy & Levin (2008) é a relação entre a graduabilidade no domínio adjetival e no domínio verbal. Os autores tomam como ponto de partida uma proposta formulada anteriormente em Hay *et al.* (1999), segundo a qual a telicidade dos verbos que projetam DA, como, por exemplo, *to cool*, que são tipicamente deadjetivais, é variável e que esta variação está intimamente relacionada com as características das estruturas escalares associadas aos adjetivos de que derivam.

Assim, os autores propõem que o significado dos verbos deadjetivais que projetam DA é uma função que mede o grau em que uma entidade muda em relação a uma dimensão escalar no decurso de um evento. Isto acontece porque, segundo os autores, os adjetivos (pelo menos os graduáveis) não denotam diretamente propriedades, mas antes funções de medição, ou seja, funções que associam objetos a valores ordenados numa escala.

Um DA tem assim as seguintes condições de verdade: aplica-se a um objeto x e a um evento e apenas se o grau em que x muda como resultado de participar em e exceder o standard de comparação da função de medição de mudança.

$$\text{pos}_v(\mathbf{m}_\Delta) = \lambda x \lambda e. \mathbf{m}_\Delta(x)(e) \geq \text{stnd}(\mathbf{m}_\Delta) \quad \text{Kennedy \& Levin (2008:174)}$$

Segundo os autores, esta proposta permite dar conta de alguns dados que não podem ser explicados à luz de propostas anteriores, que eles analisam criticamente. Por exemplo, e tal como vimos anteriormente, há, em Inglês, (i) verbos de DA, como *darken*, que têm uma interpretação télica por defeito, pelo que a interpretação atélica é altamente marcada; (ii) há, em Inglês, verbos de DA, como *widen*, que apenas têm uma interpretação atélica (não há, portanto, variabilidade de significado).

3.2.2. Abusch (1986)

A proposta de Kennedy & Levin (2008) opõe-se, em grande medida, a uma linha de trabalhos que postula que os DA têm significado vago. Por exemplo, Abusch (1986) apresenta uma proposta que parte do princípio de que todos os DA são ambíguos entre uma interpretação télica e uma interpretação atélica. Segundo a autora, os DA caracterizam-se por serem predicados vagos, ou seja, o que determina a sua telicidade não está lexicalmente especificado, mas é contextualmente determinado. Isso acontece, segundo a autora, devido ao facto de as expressões que descrevem os estados finais implicados pelos DA serem variáveis. Por exemplo, “quente” denota o estado final de “aquecer”, mas o que conta como “quente” varia consoante o contexto, havendo inclusivamente casos em que é impossível dizer se uma entidade está “quente” ou

não. Assim, os DA derivados de adjetivos apresentariam uma ambiguidade sistemática entre os significados ‘become-A’ (leitura télica) e ‘become-A-er’ (leitura atélica). Esta hipótese da determinação contextual da telicidade é explorada por outros autores, nomeadamente Bertinetto & Squartini (1995) e Kearns (2007).

4. Os DA em Português Europeu

4.1. Os dados

Voltemos agora a nossa atenção para os dados em Português Europeu. Adjetivos graduáveis como “vazio” associam-se a escalas fechadas, como se constata pela compatibilidade com o advérbio “completamente”, ilustrada em (13). Os DA derivados destes adjetivos são compatíveis tanto com o adverbial “em x tempo” como com “durante x tempo”, dando lugar, respetivamente, a leituras de processo culminado e de processo, como se constata em (14) e (15). O exemplo (16) mostra que, na ausência dos referidos adverbiais, que determinam de forma inequívoca a classe aspetual a que pertence, a predicação é ambígua não só entre uma leitura em que o grau máximo pré-estabelecido na escala foi atingido ou uma leitura em que um grau máximo contextualmente determinado foi atingido, o que torna a predicação télica em ambos os casos (exemplo a.), mas também entre uma leitura de processo culminado e de processo, ou seja, uma leitura télica ou atélica (exemplo b.).

Para tornar estas leituras mais evidentes, imaginemos que temos um carro cujos pneus devem ter uma pressão normal de 3,2 bars e que o carro não deve circular se a pressão for igual ou inferior a 1,5 bars. Assim, “o pneu esvaziou” pode receber as seguintes interpretações:

1. A pressão do pneu corresponde a 0 bars, ou seja, pode ser parafraseada por a.
2. A pressão do pneu está abaixo dos 1,5 bars, mas superior a 0 bars, ou seja, o pneu ainda tem ar, mas já não se pode circular com o carro; neste caso, a frase pode ser parafraseada por a’.
3. A pressão do pneu corresponde a 0 bars ou a qualquer valor inferior a 1,5 bars. Isso corresponde a b, ou seja, engloba tanto a interpretação de (16a) como a de (16a’).
4. A pressão do pneu tornou-se inferior ao valor normal de 3,2 bars, mas não chegou a atingir 1,5 bars. Assim, podemos dizer que o pneu esvaziou, mas não que o pneu esteja vazio. Esta é a leitura de b’.

Escala fechada:

(13) O pneu está vazio. (completamente)

(14) O pneu esvaziou em 5 minutos.

(15) O pneu esvaziou durante cinco minutos.

(16) O pneu esvaziou.

a. → O pneu está completamente vazio. – standard máximo lexical

a’. → O pneu está vazio, mas não completamente. – standard máximo contextual

- b. → O pneu está vazio. – standard máximo (lexical ou contextual = (16a) ou (16a’))
b’. → O pneu esvaziou, mas ainda não está vazio. (standard mínimo)

Sublinhe-se que as quatro paráfrases de (16) não correspondem a quatro interpretações completamente distintas. De facto, a duas leituras télicas ((16a) e (16a’)), uma com origem lexical e a outra com origem contextual, opõe-se apenas uma terceira leitura de natureza atélica, em (16b’).

Por seu lado, adjetivos de escala aberta, como “duro”, associam-se naturalmente a escalas abertas, o que se comprova pela incompatibilidade com o advérbio “completamente” (cf. (17)). Os DA derivados destes adjetivos são novamente compatíveis tanto com “em x tempo” como com “durante x tempo”, ou seja, podem ter tanto uma leitura télica como atélica (cf. (18), (19)). O exemplo (20) mostra que, no caso destes DA, há apenas ambiguidade entre a leitura télica e a atélica, não estando acessível um grau máximo de origem lexical, que, tipicamente, se encontra associado a uma escala fechada, mas apenas um grau contextualmente determinado, que funciona como *telos* para a eventualidade.

Escala aberta:

(17) A manteiga está dura. (*completamente)

(18) A manteiga endureceu em 5 minutos.

(19) A manteiga endureceu durante cinco minutos.

(20) A manteiga endureceu.

a. → A manteiga está dura. – standard máximo (contextual)

a’. → A manteiga endureceu, mas ainda não está dura. (standard mínimo)

Em suma, os dados do Português Europeu parecem indiciar que o tipo de escalas, nomeadamente o seu carácter aberto ou fechado, associadas aos adjetivos de que derivam os DA vai ter um papel limitado na sua interpretação final, no que à telicidade diz respeito.

4.2. Proposta de análise dos DA em Português Europeu

Tendo em conta os dados até aqui apresentados, assumiremos uma análise que parte das seguintes premissas.

Em primeiro lugar, partimos do princípio de que os DA em Português Europeu herdam, efetivamente, a estrutura escalar associada aos adjetivos de que derivam. Em particular, a diferença entre DA associados a uma escala fechada e os associados a uma escala aberta reflete-se nas várias interpretações que lhes podem ser dadas. Assim, apenas DA associados a escalas fechadas podem ter a sua telicidade determinada a partir do seu significado lexical, na medida em que se assume o atingir de um grau máximo, pré-estabelecido nessa escala, o que tem, como consequência, a sua compatibilidade com o advérbio “completamente”. Já os DA associados a escalas abertas, embora podendo ter igualmente leituras télicas, não contemplam um grau máximo pré-estabelecido na sua escala, pelo que este terá de ser sempre determinado contextualmente. De notar que, no caso dos DA associados a escalas fechadas, existe também a possibilidade de determinação contextual do grau máximo, como ilustrado em (16a’).

No entanto, o facto de as escalas associadas aos adjetivos que estão na base dos DA serem abertas ou fechadas não tem impacto direto na possibilidade de leituras télicas ou atélicas, ao contrário do que parece verificar-se em Inglês. De facto, tanto DA com escalas fechadas, como com escalas abertas admitem sem problemas tanto leituras de processo como de processo culminado. Sublinhe-se, aliás, que não parece existir uma correspondência direta entre DA de escala fechada e leituras preferencialmente télicas e DA de escala aberta e leituras preferencialmente atélicas. De facto, todos os DA em Português Europeu parecem poder ser télicos ou atélicos, sem restrições.

Assim, parece-nos adequado adotar a proposta de Kennedy & McNally (2008) no que diz respeito à ideia de que os DA têm subjacente uma função de medição de mudança, que opera sobre escalas, e que estas escalas são herdadas do significado lexical dos adjetivos de base. Contudo, os dados do Português Europeu mostram que, ao contrário do que defendem estes autores, a telicidade dos DA não decorre necessariamente da existência de um grau máximo lexicalmente determinado na escala que lhes está associada. Na verdade, tanto os DA de escala aberta como os DA de escala fechada podem ser télicos ou atélicos. A sua telicidade acaba por ser, de facto, dependente do contexto, que permite estabelecer um grau que funciona como marcador do *telos* da eventualidade. Em certa medida, esta ideia foi já proposta, como referimos anteriormente, em Abusch (1986), que defende que todos os DA são lexicalmente vagos entre uma leitura de processo e uma leitura de processo culminado. Este aspeto da proposta de Abusch parece, tal como vimos, ser confirmado pelos dados do Português Europeu.

5. Algumas conclusões

O trabalho aqui desenvolvido conduziu-nos a algumas conclusões relevantes no que diz respeito ao comportamento dos DA em Português Europeu, mostrando, em particular, que eles diferem em alguns aspetos dos DA em Inglês.

Tal como sucede em Inglês, os DA em Português Europeu herdam o tipo de escalas associado aos adjetivos de que são derivados, o que se reflete nas suas várias possibilidades interpretativas. Contudo, e contrariamente ao que se passa em Inglês, a diferença entre escalas abertas e escalas fechadas não se reflete em termos de telicidade, na medida em que não impõem uma leitura preferencial ou obrigatoriamente télica ou atélica dos predicados envolvidos.

Assim, os DA caracterizam-se por serem uma classe aspetual com propriedades distintivas importantes, como a ambiguidade entre leitura télica e atélica e a associação obrigatória a uma escala de medição (o que possibilita, por exemplo, a inserção de um sintagma de medida, como em “a cerveja arrefeceu 5 graus” ou “a estrada alargou 2 metros”).